

ARS INDIGENA PRÉ-HISTÓRICA DO BRASIL¹

ANNE-MARIE PESSIS²

NIÉDE GUIDON²

As origens da cultura brasileira se perdem em épocas pré-históricas. Épocas para as quais é necessário trabalhar apenas com vestígios, fragmentos de uma cultura material obtidos através da pesquisa arqueológica. Os vestígios descobertos são apenas aqueles que perduraram através dos milênios em razão de suas características físico-químicas. Os outros, que faziam parte da vida cotidiana que devem ter sido feitos com matérias primas de origem orgânica, com baixa resistência aos agentes de degradação, desapareceram com a ação do tempo e, assim, a possibilidade de fazer parte da pré-história da cultura. Reduzidas a trabalhar com apenas alguns vestígios, as possibilidades do arqueólogo de tirar conclusões são limitadas. Por este motivo que a imagem cultural da pré-história tem sido pobre, aquém da realidade possível e, sobretudo, portadora de estereótipos de valores que relegam as bases culturais das populações indígenas ao *status* de uma protocultura. A consideração dos vestígios da cultura material evocam o começo do desenvolvimento de uma tecnologia que percorreu um caminho muito longo, gradativo e lento. No entanto, contrastando com os estágios primários de realização dos artefatos líticos descobertos, os sítios arqueológicos, localizados em serras ou afloramentos rochosos, conservam os vestígios de uma prática pictural milenar, que evidenciam um grau de complexidade semântica e técnica muito avançado.

Este fenômeno não se observa apenas no Brasil, nos sítios arqueológicos descobertos na região franco-cantábrica constata-se situação similar. As

pinturas rupestres, como as existentes nas grutas de Lascaux, manifestam o domínio de uma técnica pictural surpreendente. Descobertos no início do século XX esses sítios arqueológicos deslumbraram a opinião pública, por apresentar características de realização que se enquadravam perfeitamente nas expectativas da estética europeia dominante. Os conhecimentos técnicos sobre desenho, utilizados pelos realizadores, que aproveitavam os volumes naturais da rocha, para criar volumes reais nas figuras animais pintadas, surpreenderam os especialistas da arte e levaram a conclusões sobre seus autores, às vezes, um tanto apressadas. Valorizou-se a capacidade de criar uma técnica pictural que não condizia com o desenvolvimento de outros recursos tecnológicos. Existiu portanto um posicionamento etnocêntrico por parte da sociedade ocidental em relação à existência de uma estética desenvolvida na obra das populações pré-históricas européias, capaz de gerar verdadeiras emoções com obras milenares, em comparação com as originárias de outras regiões do mundo. Esta capacidade de desenhar que não condizia com o aperfeiçoamento técnico atingido em outros produtos da cultura material, tornou-se um parâmetro privilegiado e utilizado, para estabelecer o grau de desenvolvimento cultural de uma etnia. Assim, partindo desse princípio e sem maior aprofundamento da questão foram subvalorizadas as manifestações artísticas de outras regiões do mundo, que não se enquadravam nos padrões da estética européia.

No entanto, tanto na pintura pré-histórica européia como na do Brasil, existe um cuidado particular, um desenvolvimento de técnicas picturais adequadas a prioridades para cada caso. O que é evidente para os dois períodos pré-históricos, o brasileiro e o europeu, é que a prática da atividade pictural cumpria uma função importante na sociedade em questão e que, no decorrer dos milênios, a mesma atingiu níveis de complexidade crescente, manifestos tanto em seus componentes, como nas suas relações. Comparar graus de desenvolvimento cultural ou artístico em épocas pré-históricas é uma tarefa que não é relevante em razão da fragmentação dos dados disponíveis. As diferenças podem decorrer, unicamente, da existência ou não de pesquisas sistemáticas. Ao invés o recurso de estabelecer analogias fornece mais informações sobre o valor da técnica e da vida espiritual, nas primeiras fases da cultura humana. Nas escolhas das comunidades aparece claramente valorizada a vida espiritual, a formulação das interrogantes universais, a busca de respostas aos grandes mistérios da vida e da morte e a importância que as espécies animais tiveram para as primeiras comunidades humana, como fonte dos conhecimentos funcionais à sobrevivência, através da imitação de comportamentos teleonômicos. São opções privilegiadas no início da cultura,

época em que a acumulação de conhecimento sobre a condição humana irá formatando um patrimônio explicativo e cognitivo, que irá definindo as opções que serão priorizadas pelas diferentes etnias.

Neste contexto a produção material e espiritual em épocas pré-históricas deve ser considerada a partir de uma abordagem da arte diferente da de hoje, mais próxima daquela que existiu, no mundo ocidental, antes do século X. Nesse período, *art* e *ars* eram sinônimos, designavam a disciplina que trata de ciência, conhecimento, métodos, meios e técnicas. O conceito da arte achava-se muito próximo ao conceito da *techné* grega, em que arte e ofício apareciam interligados como duas dimensões de um mesmo fenômeno da criação humana. A concepção moderna segundo a qual, através da obra pretende-se atingir a expressão de um ideal estético, era uma conotação secundária. Assim, em épocas pré-históricas, os processos de realização, trabalho e qualidade estão estreitamente vinculados aos da inspiração, entendida como a dimensão criativa da obra, sua concepção e o estabelecimento de novas relações entre os componentes da mesma. Assim, no estudo das manifestações da *ars* pré-histórica é enriquecedor utilizar uma abordagem que tome como ponto de partida um conceito de cultura adaptado ao contexto da pré-história, em que se faz referência às diferentes soluções que as populações encontraram para superar seus problemas de sobrevivência e o aproveitamento que fizeram das atividades lúdicas, que foram inicialmente desenvolvidas apenas como manifestações de uma motricidade adaptativa. Este ponto de partida permite avaliar as manifestações da cultura material e espiritual da pré-história com um referencial adaptado à uma época em que o desenvolvimento tecnológico se concentrava seletivamente sobre as prioridades e necessidades de cada grupo.

As manifestações da *ars* pré-histórica são numerosas, mas possivelmente as mais impactantes são as pinturas rupestres pois seu caráter narrativo permite aceder a elementos da vida espiritual dos grupos humanos que foram seus autores.

No Brasil existe uma variedade de manifestações da arte indígena, descobertas em períodos históricos. No entanto, a arqueologia não cessa de desvelar vestígios de uma cultura material muito diversificada, realizada em períodos pré-históricos. Na região Nordeste existe a maior concentração de sítios portadores de pinturas rupestres até hoje conhecida no país designada como tradição Nordeste. A característica principal desta tradição de pinturas pré-históricas é a sua narratividade, os grafismos representam figuras de tipo geométrico, figuras humanas, animais, plantas e instrumentos e, com frequência estão dispostos formando cenas da vida cotidiana e cerimonial dos diferentes grupos humanos autores dessa obra. As informações disponíveis até hoje indicam

que as primeiras manifestações desta tradição apareceram na região onde do que hoje é o Parque Nacional Serra da Capivara (Patrimônio Mundial). Posteriormente, esta tradição de pinturas se teria estendido gradativamente até regiões da Bahia e Pernambuco, constituindo também outra área de concentração na região do Seridó, na área fronteira entre Rio Grande do Norte e Paraíba. Esta tradição de pinturas se caracteriza também pela qualidade técnica de realização das figuras, tanto no aspecto propriamente técnico, quanto nos procedimentos de apresentação cenográfica, isto é a maneira como estão agenciados os diversos componentes gráficos da composição. As pesquisas realizadas permitiram estabelecer a existência de um código de apresentação gráfica, próprio da tradição Nordeste. As pinturas foram realizadas segundo esse código de apresentação que corresponde a um sistema de comunicação e que cumpre diferentes funções sociais, segundo as necessidades de cada grupo específico. É possível distinguir diferentes códigos gráficos que caracterizam etnias pertencentes a um tronco cultural de origem comum, que passaram por transformações culturais o que se manifesta através de aspectos temáticos, técnicos e cenográficos.

O exemplo de transformação mais marcante é o que se produz no interior da tradição Nordeste, entre a sub-tradição Várzea Grande, que caracteriza o momento do aparecimento das primeiras modalidades picturais da Tradição, em torno de 25000 anos BP³, localizadas no Parque Nacional Serra da Capivara e a sub-tradição Seridó, que se manifesta há 9000 anos BP na área limítrofe dos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. Apesar de manter as características específicas da tradição Nordeste, a sub-tradição Seridó evidencia a presença de traços específicos determinantes de uma sub-classe pictural, resultado da influencia de um processo cultural de transformação histórica que provocou mudanças temáticas e cenográficas. As diferenças aparecem principalmente nas dominantes temáticas e cenográficas.

Na sub-tradição Várzea Grande, apesar de existir transformações internas no decorrer do tempo, existe uma escolha privilegiada de componentes animais, de representar interações de figuras humanas com figuras animais, de cenas rituais, lúdicas e temas, em que a sofisticação e a complexidade aparecem apenas nas fases finais de sua existência. A temática da vida aparece salientada e, no conjunto, são minoritárias as representações de violência. O longo período de existência desta sub-tradição faz com que os sítios arqueológicos do Parque Nacional sejam uma amostra da evolução, mostrando uma diversidade de encenações e de recursos gráficos, que coexistem, de maneira surpreendente, nas paredes dos abrigos.

Na sub-tradição Seridó, apesar de ficar claramente demonstrada a

presença dos componentes básicos da tradição Nordeste, existe uma mudança considerável na escolha dos temas e dos recursos de encenação. A figura animal é totalmente secundária, e existe uma escolha dominante na representação de temas que colocam os seres humanos em interação. A violência aparece de maneira mais freqüente, os mesmos temas que existem na sub-tradição Várzea Grande recebem um tratamento diferenciado. A sexualidade se torna mais diversificada, existem cenas de masturbação, de homossexualidade e de estupro com características identificatórias próprias. Finalmente, entre as duas sub-tradições existem também diferenças claras de representação da relação de profundidade, de perspectiva na representação de cenas. Na sub-tradição Várzea Grande é possível identificar a utilização de diferentes recursos que vão evoluindo, para terminar na dominância de figuras dispostas em planos horizontais. Na sub-tradição Seridó, esta mesma disposição horizontal das figuras é dominante, mas desde o início de seu aparecimento.

O estudo das pinturas de um período tão extenso evidencia a existência de um tronco comum de apresentação, que vai experimentando transformações, sem perder sua identidade de origem, reconhecível através das escolhas temáticas, das regras de apresentação gráfica e de um processo da transformação técnica. Às vezes, é possível descobrir, em um mesmo sítio arqueológico, pinturas feitas segundo procedimentos técnicos e cenográficos característicos de épocas diferentes. Pouco interessa a dimensão semântica das numerosas obras pictóricas que existem nos sítios arqueológicos, o caráter polissêmico de cada composição faz com que a procura de significados conjecturais não seja de grande utilidade. No entanto, a variação dos temas, das maneiras de apresentá-los em épocas diferentes e as formas de aperfeiçoamento das técnicas gráficas, configuram uma fonte de dados essencial para identificar a diversidade de códigos de apresentação e portanto de comunicação social. É essencial poder estabelecer os sistemas de regras, de escolhas gráficas das comunidades indígenas, sistemas esses que se perdem em tempos pré-históricos. Como acontece na história da arte, essas regras nos permitem identificar as temáticas valorizadas socialmente e que refletem as preocupações e as interrogantes das primeiras comunidades humanas em terras brasileiras. Isso nos permite também estabelecer as escolhas dos componentes materiais e gráficos que compõem essas composições temáticas e finalmente, viabiliza a identificação dos recursos técnicos desenvolvidos no decorrer dos milênios, dos procedimentos que priorizam diferentes aspectos e que dão um produto gráfico específico, de comunidades específicas. Este conjunto de regras sociais de apresentação gráfica aparece de maneira dominante, como um contexto cultural de referência, o que não impede a existência de um leque de

particularidades que permitem, muito freqüentemente, identificar iniciativas que poderiam ser de origem individual. Em qualquer caso, existam ou não, manifestações de caráter individual que se destacam do conjunto, não se perde a tônica da dominante cultural representada pela apresentação gráfica do grupo étnico. Existem composições em que a maestria do realizador aparece manifesta na maneira como são trabalhadas as figuras, sendo possível identificar um aprimoramento técnico, uma preocupação pelo equilíbrio dos componentes na composição e no uso do espaço material que salientam as diferenças. Assim, utilizando os mesmos temas, as mesmas regras de apresentação e os mesmos recursos é possível identificar diferenças na qualidade da realização. A obra de arte gráfica, existiu em todas as épocas e na pré-história não está ausente. O domínio de uma técnica através de um produto gráfico bem realizado, às vezes até com uma ponta de originalidade, diferenciam claramente o produto resultante de um cuidado unicamente técnico, do produto com toque artístico bem nítido. De um ponto de vista geral, é possível estabelecer diferenças entre os recursos cenográficos desenvolvidos e as prioridades de apresentação dos diferentes grupos humanos. A tradição Nordeste reflete essa transformação. Nas épocas mais antigas, a atividade pictural cumpre a manifesta função de registrar fatos, acontecimentos importantes para as comunidades, cumpre uma função mnemotécnica e social de acumulação do conhecimento. A seguir observa-se uma crescente complexidade cenográfica, tanto no número de componentes que fazem parte da cena, como nas formas de relacioná-los. Constata-se também um incremento da importância dos componentes ornamentais das figuras, como elemento identificatório de individualidades. Esta tendência geral da tradição, determina também as mudanças técnicas, como os recursos de perspectiva utilizados, escolhidos segundo sua utilidade para salientar identidades ou salientar fatos. Este processo de crescente complexidade artística, vai ser identificado claramente e de maneira análoga na história da arte e da cultura brasileira com todas suas influências européias. O interesse maior das pinturas rupestres é que elas demonstram que no Brasil, antes da chegada dos europeus, existia um mundo cultural extremamente rico, muito parecido no que tange à criatividade ao mundo cultural de Ocidente. Este mundo ocidental que não soube observar e valorizar o que existia no Brasil, por ter apenas privilegiado a tecnologia de guerra e a repressão religiosa da Inquisição. Um mundo europeu, centrado sobre si, que não soube apreciar uma sensibilidade diferente à sua e a criatividade da arte indígena, em razão de um etnocentrismo que sempre marcou sua política colonialista, em todos os continentes. A herança dessa intervenção foi a perda de um patrimônio cultural extraordinário do qual hoje, a ciência, procura resgatar os poucos vestígios.

¹Pesquisa financiada pelo CNPq e Embaixada da França no Brasil

²Fundação Museu do Homem Americano-CNPq

³Foram descobertos blocos pintados que se encontravam em sedimentos datados em 25.000 anos BP no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada. Não foi possível identificar elementos que permitissem assimilar esses blocos a uma tradição de pintura determinada, mas é indiscutível o fato, de que esses povos pré-históricos pintavam desde épocas muito remotas.